

# Negócios

**Caso histórico.** Empresa virou alvo na Justiça em casos movidos pela Comissão Federal do Comércio e coalizão de advogados-gerais; acusação é de concorrência desleal e abuso de monopólio na compra de aplicativos e na postura com rivais ao longo da última década

## Facebook é processado nos EUA e pode ter de vender Instagram e WhatsApp

Bruma Capelas  
Bruno Romani  
Giovanna Wolf

link

A indústria de tecnologia entrou no que promete ser uma das maiores batalhas judiciais de sua história: ontem, o Facebook se tornou alvo de dois processos judiciais diferentes nos EUA, movidos pela Comissão Federal do Comércio e uma coalizão de mais de 40 advogados-gerais de Estados americanos. Com textos bastante similares, as duas ações acusam a empresa de Mark Zuckerberg de abusar de seu poder e ferir as leis de concorrência do país para criar um monopólio nas redes sociais. Como consequência, a empresa poderá ter de vender ou se separar de dois de seus maiores negócios e pilares fundamentais para seu futuro: o Instagram e o WhatsApp.

Após uma investigação que durou mais de um ano e meio, as autoridades entenderam que as aquisições de Instagram (em 2012, por US\$ 1 bilhão) e WhatsApp (em 2014, por US\$ 19 bilhões) foram usadas por Zuckerberg para limpar a competição no mercado de redes sociais. No texto dos processos, a gigante avaliada em cerca de US\$ 800 bilhões também é acusada de usar seu poder para esmagar



Sombra, Mark Zuckerberg, do Facebook, já descreveu possível separação de sua empresa como uma 'ameaça existencial'

rivais que não aceitassem ser comprados - Kevin Systrom, cofundador do Instagram, chegou a dizer que topou vender sua empresa para não ter de enfrentar "a ira de Mark" em caso de negativa. Nos dois casos, além de pedir multas, FTC e a coalizão sugerem que as compras - aprovadas em sua época, ainda durante a gestão de Barack Obama - tenham de ser revertidas. "Por mais de uma década, o Face-

● **Gigante**  
**US\$ 790 bi**  
é o valor de mercado do Facebook

**3,2 bilhões**  
de pessoas usam todo mês pelo menos um dos apps da empresa (Facebook, Instagram, WhatsApp e Messenger)

book usou sua dominância e poder para esmagar rivais e eliminar competição, às custas de seus usuários diários", disse a advogada-geral de Nova York, Letitia James, que liderou a investigação da coalizão. Professora da Universidade Columbia Tim Wu, referência em direito digital, disse em seu Twitter que este é o maior caso da história da FTC, criada no início do século 20, após casos históricos

de antitruste como a quebra da Standard Oil, de John Rockefeller. O Facebook respondeu em tom grave, chamando os processos de "revisão histórica". "O fato mais importante neste caso é que a própria Comissão autorizou essas aquisições anos atrás. O governo agora quer rever sua própria decisão, enviando uma mensagem assustadora para as empresas americanas de que nenhuma de-

cisão é definitiva", declarou a vice-presidente global jurídica da empresa, Jennifer Newstead.

**Impacto.** Após o anúncio dos processos, as ações do Facebook caíram cerca de 2% na Nasdaq - para analistas, o impacto não foi maior porque o caso já era esperado há semanas pelo mercado. Além disso, há quem acredite que será difícil reverter aquisições após meia década - além do argumento de revisionismo histórico, há ainda o apelo da insegurança jurídica, como ressaltou o professor Armando Luiz Rovai, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mas ele mesmo faz a ressalva: "se for evidenciado que certos atos levaram à concentração de mercado, poder público e judiciário podem ser instados."

Na visão de Carlos Affonso Souza, professor da UERJ e diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade (ITS-Rio), este caso é "filho de seu tempo". "A narrativa comum do Vale do Silício era a ideia de um adolescente que virava uma gigante, mas agora se questiona o impacto que essas gigantes têm nas nossas vidas". Para o especialista, é cedo para dizer qual será o futuro destas ações, mas sua importância já é histórica, especialmente pelo fato de já colocarem na mira um desmembramento do Facebook, além de passar recados para o mercado. "Quem se envolve em práticas agressivas de negociação contra concorrentes pode ter problemas no futuro", alerta.

ANÁLISE: Pedro Dória

### Facebook terá caminho mais difícil entre as gigantes de tecnologia

A década de 20 será a década do antitruste para as gigantes da tecnologia. Delas, três enfrentarão processos mais difíceis - Google, Facebook e Amazon. O primeiro contra o Google já saiu, agora é a vez do Facebook. A Amazon ainda aguarda a sua vez. E, das três, nenhuma empresa enfrentará um caminho tão difícil quanto o Facebook quanto nos tribunais quanto o Facebook.

Politicamente, nos EUA, porque por motivos diferentes tanto o Partido Republicano quanto o Democrata olham para a gigante social com profunda desconfiança. Os republicanos têm convicção de que entre algoritmos e decisões de executivos, há censura de vozes conservadoras correndo solta. Os democratas veem algo completamente diferente: uma empresa que perdeu o controle de sua tecnologia ao mesmo tempo que substituiu responsabilidade cívica por lucro. Que assim permitiu que a base de sustentação da democracia fosse sequestrada e ameaçada por manipulação do debate público e da informação. Ambos podem ler de formas diferentes o problema, mas compartilham o fato de não

confiarem na companhia.

Nos tribunais, a vida do Facebook não será mais fácil. A empresa é acusada de comprar WhatsApp e Instagram de forma agressiva para impedir que houvesse competição. Para bloquear o livre mercado. Será difícil argumentar o contrário. Afinal, há também a história da rede social que o Facebook não comprou - é a Snapchat. Quando os acionistas da startup se recusaram a assinar o acordo de venda, a gigante frustrada respondeu copiando os principais recursos e os aplicando no Insta. E o que chamamos de Stories.

O resultado concreto é que o que a Snapchat trazia de inovador foi copiado sem pudores pela gigante que tentou comprá-la. A rede nova foi abatida quando decolava em seu voo.

Ali, o Facebook mandou um recado para qualquer startup que ameaçasse seu mercado. No dia que uma proposta de compra viesse, melhor aceitar. Ou, então, sua criatividade seria copiada e suas chances de es-  
torturar, esmagadas.

A FTC, agência reguladora que garante que o mercado americano seja livre, não está pedindo pouco. Quer que o Facebook seja desmembrado. Que WhatsApp e Instagram voltem a ser empresas independentes. Para isso, precisa ir à base de tribunal que o Facebook usa de seu poder de monopólio. Argumento, tem.

\* JORNALISTA

Retomada Verde

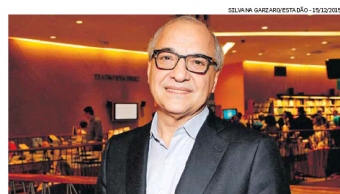
### 'Recursos para a Amazônia existem', diz Leal

Fernanda Guimarães  
Talita Nascimento

No ano em que a Amazônia virou notícia em todo o mundo, com o aumento do desmatamento e enorme pressão de investidores estrangeiros, o setor privado decidiu se reunir em busca de soluções para o assunto, que passou a ser encarado como uma questão econômica. Ontem, em conferência orga-

nizada pelo Itaú Unibanco para tratar da maior floresta tropical do mundo, o copresidente do conselho de administração da Natura, Guilherme Leal, afirmou que os recursos para investir na Amazônia existem, mas que é preciso haver uma visão consistente de desenvolvimento e preservação para que o dinheiro chegue ao País. "Não temos de ter xenofobia. Temos de ter consciência da nossa soberania, mas soberania exige responsabilidade", afirmou o fundador da companhia, um das pioneiras em negócios a partir da biodiversidade da floresta.

Leal reforçou ainda a importância de desenvolver lideranças e empresas locais. Segundo ele, é preciso trazer para a mesa dos desafios e buscar soluções conjuntas para a região, além de arrecadar recursos para projetos voltados ao desen-



Local. Para Leal, é preciso reforçar as lideranças da região

sociais e econômicas."

O fundador da Natura foi um entre os mais de 70 palestrantes do evento organizado pelo banco, que teve duração de três dias e tinha como objetivo tratar dos desafios e buscar soluções conjuntas para a região, além de arrecadar recursos para projetos voltados ao desen-

volvimento e à preservação da Amazônia. "A ideia era compartilhar nossa trajetória e ter mais empresas e mais pessoas pela Amazônia. Conseguimos passar pelos assuntos sociais, ambientais e econômicos. Falar de desenvolvimento econômico é importante para manter a floresta em pé", comenta a supe-

rintendente de Relações Institucionais, Sustentabilidade e Negócios Inclusivos do Itaú Unibanco, Luciana Nicola.

O maior banco privado da América Latina registrou na plataforma do evento 75 mil acessos e 19 mil cadastros foram preenchidos. O Itaú não abriu o valor, mas com as doações feitas ao longo dos últimos dias será possível plantar 400 mil árvores na Baía do Rio Xingu, projeto em parceria com o Instituto Socioambiental com parceiros locais, como a Rede de Sementes do Xingu. Agora, o planejamento é de que o evento seja anual. "Queremos deixar um legado desse exemplo de três competidores tão ferrenhos e que puderam se unir para cuidar da região da Amazônia, que a sociedade pode se unir para cuidar de um dos nossos maiores patrimônios", disse o presidente do Itaú, Cândido Bracher, na abertura do evento, na segunda-feira, que também teve a presença de Sérgio Rial, presidente do

Santander, e Octavio de Lazari, presidente do Bradesco. Os três bancos se uniram neste ano para buscar medidas de desenvolvimento da região.

A mobilização do setor privado, que se tornou realidade após a crise envolvendo a floresta, evidenciou também a necessidade de o governo agir. "Precisamos aplicar a lei para evitar o desmatamento ilegal. Não é mudar a lei, é aplicar a que já existe", afirmou, na programação da segunda-feira, o presidente da Suzano Walter Schalka, um dos nomes mais vocais desde o início da crise da Amazônia.

Dentre os investidores estrangeiros, um dos nomes mais expoentes da questão climática, Larry Fink, que preside a BlackRock, gestora norte-americana com cerca de US\$ 7 trilhões sob gestão, disse que o Brasil poderá, inclusive, receber mais recursos se for mais sustentável. COLABORARAM, ALINE BRONZATI, ANDRÉ ITALO ROCHA E WAGNER GOMES

Pressephoto